

TOUR DAS ESTÁTUAS

HOTEL NOVO MUNDO - PRAIA DO FLAMENGO - ESQUINA DE RUA SILVEIRA MARTINS - FLAMENGO

Em 1950 ocorreu no Rio de Janeiro a Copa do Mundo, com jogos concentrados no estádio do Maracanã (inaugurado para este evento). Para abrigar os turistas de todo mundo, que assistiriam a seleção do Uruguai ser consagrada como a melhor do mundo em cima de nossa equipe, foi construído, de 1948 a 50, o Hotel Novo Mundo, às margens da então Praia do Flamengo. O proprietário do imóvel era a família Fernandes, de portugueses, daí o nome. No local existiu anteriormente (1865) a residência senhorial da Baronesa de Geslin, depois convertido em escola para meninas. Dois dos quatro leões em ferro fundido da famosa fundição Val D'osne e que ficavam nas duas entradas do casarão hoje ornaram a portaria do hotel (os outros dois leões simplesmente sumiram!).

O aprazível Aterro do Flamengo, que atualmente encontra-se em frente ao hotel, somente foi inaugurado em 12 de outubro de 1965.

MONUMENTO À ABERTURA DOS PORTOS - RUA DO RUSSEL - GLÓRIA

Foi Vieira Souto, Diretor de Obras da Prefeitura, quem aterrou o "saco" entre o Largo da Glória e a ponta do Russel; depois nele construiu Pereira Passos a Av. Beira Mar, para ser uma continuação da Avenida Central, que então se fazia.

Por ocasião das comemorações do Centenário da Abertura dos Portos, a 28 de janeiro de 1908, fez o Governo colocar uma balaustrada na Praia do Russel, bem como duas estátuas, distantes uma da outra vinte metros. A primeira, na direção do Flamengo, apresenta uma figura de mulher, sentada sobre um bloco de bronze, segurando com a mão esquerda o símbolo do comércio e tendo a direita apoiada num escudo onde, em alto relevo, se desenha uma folha de louro: é o Comércio; a segunda, do lado do Russel, é também uma figura de mulher, segurando com a mão direita uma alavanca, tendo a esquerda apoiada em uma âncora, tudo em bronze, simbolizando a Navegação.

Foi escultor da obra o artista francês Eugène Benet.

MONUMENTO AO PINTOR LASAR SEGALL – LARGO DO RUSSEL – GLÓRIA

Pintor moderno, nasceu na Rússia a 8 de julho de 1890, filho de Abel Segall e Esther Godes. Fez seus estudos primários em Vilna, sua cidade natal (hoje a cidade pertence à Polônia); aos 16 anos cursou o secundário na Alemanha. Frequentou a Academia de Belas Artes de Berlim, onde foi aluno de Max Liebermann, e a de Dresden, que era o centro de arte naquela época e onde permaneceu até 1912. Nessa cidade realizou sua primeira exposição individual, em 1910. Numerosas exposições se seguiram por diversos países e em épocas diferentes.

Em 1925, casou-se com Jenny Klabin, sua ex-aluna, na Alemanha. Do casamento nasceram dois filhos. Fugindo da perseguição aos judeus movida pela Alemanha e a antiga União Soviética, refugiou-se no Brasil, se radicando em São Paulo. Em 1938, muitos de seus quadros foram destruídos pelos nazistas. Aqui, sua pintura expressionista triste e sem brilho ganhou luz e cor.

Mário de Andrade o denominava “pintor de almas”, e seus temas giravam entre o sofrimento dos judeus e a situação das classes menos favorecidas. Segall produzia telas de cunho social. Foi um dos pioneiros da arte moderna entre nós e nunca deixou de elogiar as belezas de nossa terra. É dele a frase “O Brasil revelou-me o milagre da luz e da cor”.

Lasar Segall morreu em São Paulo, a 2 de agosto de 1957. Era tio da famosa atriz de teatro Beatriz Segall. Em 1960, o artista Liuba fez seu busto em bronze, o qual desde então está situado no jardim ao lado do hotel Glória.

MONUMENTO A BADEN POWELL – LARGO DO RUSSEL – GLÓRIA

Robert Stephenson Smyth Baden powell, o inventor do escotismo, nasceu na Inglaterra, a 22 de fevereiro de 1857. Seu pai era o Reverendo H. G. Baden Powell, professor em Oxford; e sua mãe era filha do Almirante inglês W. T. Smyth.

Em 1870, ingressou na Escola Charterhouse, em Londres, com uma bolsa de estudos, pois ficara órfão pouco antes. Aos 19 anos, colou grau e partiu para a Índia, como subtenente do Regimento que formaria na célebre “Carga da Cavalaria Ligeira” na guerra da Criméia. Aos 26 anos era Capitão.

Em 1887, Baden Powell estava na África, participando da campanha contra os Zulus, e mais tarde contra as ferozes tribos dos Ashantis e os selvagens guerreiros Matabeles. Promovido a Coronel em 1899, participou da Guerra dos Bôeres, comandando a defesa de Mafeguingue, durante seis meses, motivo pelo qual foi promovido a General de Divisão. Depois foi Inspetor Geral da força policial sul-africana.

Com a experiência acumulada em tantas aventuras bélicas, fundou em 1908, o movimento de Escoteiros (Boy-Scouts) de grande valor educativo; dois anos depois, sua irmã Agnes organizou o movimento feminino correspondente (Girl-Guides). No posto de Tenente-general, Baden Powell dedicou o resto de sua vida a ambos os empreendimentos, que foram adotados em muitos países, alcançando grande repercussão entre a juventude (Escoteiros) e a infância (Lobinhos), entre as moças (Bandeirantes) e as meninas (Fadas).

Baden Powell escreveu: Campanha de Matabeles; Escotismo para Meninos; Aventuras e Acidentes, e muitos outros livros mais. Foi o autor da frase “O Escoteiro tem uma só palavra. Sua Honra vale mais do que sua própria vida”.

Baden Powell morreu na Inglaterra, a 8 de janeiro de 1941. Seu monumento no Brasil foi inaugurado a 28 de julho de 1960, sendo o busto em bronze de B. P. obra do artista Vincenzo Larocca, de São Paulo.

ESTÁTUA DE SÃO SEBASTIÃO - LARGO DO RUSSEL - GLÓRIA

A estátua de São Sebastião, padroeiro da cidade do Rio de Janeiro, de granito da Tijuca, foi trabalhada por Dante Croce, Curzio Zani e Arnaldo Valilo. Mede 07 metros de altura e pesa 60 toneladas. Está colocada numa circunferência de 20 metros, nas imediações do local em que, a 20 de janeiro de 1567, o Santo apareceu aos portugueses e ajudou Estácio de Sá a vencer a Batalha das Canoas, numa luta desigual entre franceses e seus aliados os índios tamoios, ocupando 180 canoas, contra os portugueses em cinco.

No chão da Cidade que ajudara a conquistar e edificar, São Sebastião foi entronizado, no Largo do Russel, 398 anos depois de sua aparição nos

mares da Guanabara, por ocasião dos festejos do 4º. Centenário da Fundação do Rio de Janeiro.

As solenidades ocorridas em 20 de janeiro de 1965, estiveram presentes as mais representativas figuras oficiais e sociais: o Governador do Estado, Carlos Lacerda; o Cardeal do Rio de Janeiro, D. Jaime de Barros Câmara; os Frades Capuchinhos, perpetuadores da primitiva imagem daquele Santo, trazida por Estácio de Sá; grande massa popular, associações religiosas e civis, representantes das Forças Armadas, embaixadores creditados junto ao nosso Governo.

Foi, na terra, uma festa de civismo e de fé, que no enlevo das preces, entre música e flores, fez vibrar de entusiasmo a alma coletiva desta nobre Cidade, empolgando a consciência histórica da Pátria.

SÃO SEBASTIÃO - DADOS BIOGRÁFICOS

Santo Mártir, nasceu na Gália Narbonesa, na atual França, a 20 de janeiro do ano 250 da era Cristã. Era de família católica, cujo culto, naqueles tempos, eqüivalia a uma condenação à morte. Mesmo assim, foi educado na fé cristã, sabendo ocultar suas práticas da vigilância romana. Aliás, tendo pendoros militares, alistou-se no exército romana, tendo servido sob as ordens do Imperador Marco Aurélio Carino, sendo nomeado por seu sucessor, o Imperador Diocleciano, chefe da primeira coorte dos pretorianos. Nascido de família cristã, fora batizado na infância, e não cessou de prodigalizar a seus correligionários os princípios de sua fé, convertendo muitos soldados e até oficiais. Recebeu São Sebastião, posteriormente do Papa Caio o título de Defensor da Igreja.

Para seu azar, o Imperador Diocleciano, além de inimigo mortal do cristianismo, tendo ordenado feroz perseguição contra esta fé, que durou dez anos (288-308), era um perverso, e quis introduzir Sebastião em práticas nefandas, a que prontamente se recusou, alegando as virtudes cristãs.

Descoberta, portanto, sua fé, foi condenado à morte, sendo levado para fora das muralhas, amarrado a uma árvore e flechado. Entretanto, seus algozes já haviam antes sido convertidos ao cristianismo, e lhe fizeram ferimentos não fatais. Uma viúva, Irene, curou-lhe as feridas, recuperando-lhe a saúde. Sabendo que o Imperador deveria passar pelo Fórum de Roma, postou-se cedo aí, para censurar-lhe a crueldade e denunciar seus crimes. O resultado foi ser preso novamente e fustigado a pauladas até expirar. Era o ano de 288. Morreu com 38 anos. Seu corpo foi lançado na Cloaca Máxima (esgotos de Roma), mas encontrado pelos cristãos que o sepultaram na catacumba que recebeu seu nome, em Roma. Mais tarde, foi transportado para a Basílica erguida em sua honra, próximo à Porta Capena, e parte de suas cinzas doadas pelo Papa Eugênio II à Abadia de São Medardo, de Soissons, em 288.

São Sebastião foi canonizado em 388. É geralmente invocado contra doenças contagiosas. Era patrono dos nicheiros (arco e flecha) e das confrarias de tiro ao alvo, bem como aos praticantes da arte da falcoaria (caça com falcões). Protetor dos homens convictos.

Sua festa é celebrada a 20 de janeiro, sendo este dia feriado no Rio de Janeiro.

MONUMENTO A SÃO FRANCISCO DE ASSIS – LARGO DO RUSSEL –
GLÓRIA

Em 1926, por ocasião do 7º. centenário da morte do egrégio servidor da humanidade, São Francisco de Assis, um grupo de brasileiros e patriotas, à frente dos quais Amaro da Silveira, ofereceu à Cidade do Rio de Janeiro a estátua desse santo, padrão das generosas aspirações sociais e merecido preito às grandes benemerências prestadas pelo catolicismo.

A estátua, a qual igualmente retrata Santa Clara, é obra do artista brasileiro Eduardo de Sá.

SÃO FRANCISCO DE ASSIS – DADOS BIOGRÁFICOS

Francisco Bernardone nasceu na cidade de Assis, Itália, em 1182, filho de Pietro Bernardone Maricone, abastado negociante de tecidos; e de Joana, uma francesa que homenagearia a terra natal no nome do filho. Rapaz ainda, tornou-se sócio comercial do pai. Moço e rico, entregou-se aos prazeres mundanos. Cedo cansou e sentiu o vazio da vida. Graças à educação e ao exemplo materno compreendeu o dever da caridade. Resignando aos bens terrenos (1203), buscou o cultivo do espírito segundo o “Evangelho” em toda a sua austeridade, praticando o bem. Procurou a solidão e entregou-se a fervidas orações. Isso lhe acarretou a ira do pai que o maltratou fisicamente e depois, na presença do Bispo, obrigou-o a renunciar a todos os bens a que tinha direito por sucessão. Passou a viver de esmolas, pensou os leprosos, e cuidou de repara, com as próprias mãos, as igrejas arruinadas pelo tempo. Isso se deu principalmente após ouvir (1206), de uma imagem de cristo, a frase “Francisco, reconstrua minha casa”. Depois, esteve no Egito na propagação da fé.

Em 1209, fundou com três discípulos, a Ordem dos Irmãos Menores ou Franciscanos; em 1212, fundou a Ordem das Clarissas para mulheres, e, em 1221, a Ordem Terceira da Penitência para os leigos que quisessem praticar com mais observância as virtudes evangélicas.

Sua devoção à Paixão de Nosso Senhor era tão acendrada que mereceu a graça de ter os 5 estigmas de Jesus Cristo.

Francisco Morreu no Convento da Porciúncula, em Assis, a 4 de outubro de 1226.

Sua reputação de santidade era tal que o Papa Gregório IX o canonizou dois anos depois da morte. É São Francisco de Assis uma das mais belas expressões do calendário agiográfico.

SANTA CLARA DE ASSIS – DADOS BIOGRÁFICOS

Clara Offreducci também nasceu em Assis, na Itália, em c. 1192, filha de pais ricos e piedosos. Desde menina era seu prazer rezar, fazer caridade e penitência. Contemporânea de São Francisco, a ele manifestou o desejo de abandonar o mundo, fazer voto de castidade e levar a vida na mais completa pobreza. São Francisco reconheceu nela eleita de Deus e ajudou-a a entrar para um convento. Mais tarde, em 1212, fundou com ele a primeira comunidade da Ordem Religiosa das Clarissas de que foi superiora enquanto viva. Sua convicção religiosa atraiu para a Ordem nobres de linhagem, como a Princesa Isabel de França; sua irmã Agnes e até a própria mãe.

Morta pouco depois de São Francisco, foi canonizada como ele e seu corpo não apodreceu, sendo venerado ainda hoje numa vitrine em seu convento, em Assis.

MONUMENTO NACIONAL AOS MORTOS DA 2ª. GUERRA MUNDIAL

Localizado na Avenida Infante Dom Henrique, no Parque do Flamengo, na Glória, em frente à Praça Paris. Teve sua construção iniciada graças ao Marechal Mascarenhas de Moraes, em 24 de junho de 1957, terminando exatamente três anos depois e sendo inaugurado a 05 de agosto de 1960. Seu projeto de construção foi de autoria dos arquitetos Hélio Ribas Marinho e Marcos Konder Netto, escolhido em concurso público nacional. O monumento, com 6.850 m², custou 115 milhões de cruzeiros. Está situado numa praça ajardinada, com 10 mil metros quadrados (Praça Pistóia) e é constituído de três planos: sub-solo, patamar e plataforma. No sub-solo, com 1.600m², estão localizados o Mausoléu, a Administração e os Alojamentos da Guarda.

O Mausoléu, pavimentado com granito de Ouro Preto, com as paredes laterais revestidas em quartzito verde e as do topo com granito preto, lustrado e mármore floresta serrado. Este Mausoléu acha-se dividido em duas partes distintas, estando numa delas, 468 jazigos, agrupados em 11 quadras alternadas, divididas por uma floreira de alumínio anodizado, em negro, revestidos de granito preto e com lápides de mármore de Carrara. Destes 468 jazigos (4 marinheiros, 7 aviadores e 457 soldados), 15 não possuem identificação, achando-se vazios 2 deles e 13 com a seguinte inscrição: “Aqui jaz um herói da FEB - Deus sabe seu nome”. Na parede lateral esquerda, encimando o quartzito verde, estão gravados em mármore, os nomes dos 1.121 mortos da Marinha Mercante e da Marinha de Guerra, vítimas de torpedeamento e os soldados do Exército não identificados na Campanha da Itália. O mais velho contava 40 anos e o mais moço 19. Os soldados Antenor Ghirlanda (SP), Atílio Pífer (SP) e Constantino Maroqui (PR), foram os primeiros a falecer em ação, a 21 de setembro de 1944, quinze dias após o início das operações de guerra.

No patamar estão: o museu, jardim interior, lago artificial, 01 conjunto de mastros e 02 enormes painéis de cerâmica, feitos pelo artista Anísio Medeiros para homenagear as marinhas de guerra e mercante.

A plataforma, de concreto armado, a 03 metros do solo, é atingida por monumental escadaria, com 30 metros de largura e 26 degraus. Tem o formato de um “L” maiúsculo e nela são encontrados: o pórtico monumental, inspirado nos monumentos funerários da pré-história; o painel metálico, de autoria de Júlio Catelli Filho, representando a Força Aérea Brasileira; o túmulo do Soldado Desconhecido, com a pira eterna; a pirâmide triangular, com os nomes dos realizadores do Monumento; e, finalmente, o grupo escultórico, de autoria de Bruno Giorgi, homenageando as três Forças Armadas.

Este Monumento é guardado pelas três Forças Armadas do País, que se revezam às 12:00h do dia 1º de cada mês, numa “rendição da guarda”, que se constitui num dos mais belos espetáculos cívico-militares da cidade. Visitado diariamente por centenas de pessoas, do País e do Exterior, não passando em momento algum a idéia de que seja um monumento aos mortos, e sim à vida eterna.

HÉLIO RIBAS MARINHO – DADOS BIOGRÁFICOS

Arquiteto, nasceu em Belém do Pará em 1924. Graduado pela Faculdade Nacional de Arquitetura do Rio em 1948. Autor, em colaboração com Marcos Konder Netto, do projeto do Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial, no Parque do Flamengo (1955/60). Projetou o Banco da Amazônia em Belém, Pará. Autor de muitos projetos de albergues para

imigrantes no Vale do São Francisco. Projetou e construiu muitas residências na Cidade do Rio de Janeiro e em Correias, Petrópolis. Professor da Faculdade Nacional, da Universidade Santa Úrsula e de outras instituições.

Durante o regime militar foi proibido de exercer o magistério.

ANÍSIO DE ARAÚJO MEDEIROS – DADOS BIOGRÁFICOS

Arquiteto, desenhista, pintor e cenógrafo, Anísio Medeiros nasceu no Piauí, em 1922. Realizou sua primeira exposição de pinturas em 1944. Formou-se pela Faculdade Nacional de Arquitetura em 1948. Conquistou o prêmio de viagem ao estrangeiro no Salão Nacional de Arte Moderna (1956). Premiada na VIII Bienal de São Paulo com um trabalho de cenografia (1966). Autor dos três painéis (dois trabalhos em cerâmica sobre as marinhas de guerra e civil, e um grande afresco sobre a guerra e a paz) no Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial (1960). Exerceu o magistério de artes na Universidade Santa Úrsula (1977).

Já é falecido.

MONUMENTO A PEDRO ÁLVARES CABRAL - LARGO DA GLÓRIA

Na Praça da Glória, encontra-se o monumento a Pedro Álvares Cabral, ereto de 1898 a 1900 por iniciativa da Associação do 4º. Centenário do Descobrimento do Brasil. A inauguração da grande obra em bronze de Rodolfo Bernardelli, teve lugar no dia 03 de maio de 1900, então era a data em que se acreditava que o Brasil havia sido descoberto, haja vista a discrepância do calendário Juliano, então adotado, para o atual, Gregoriano. Estiveram presentes à solenidade, diversas autoridades, representantes estrangeiros e o povo. Também estão homenageados: o escrivão da frota, Pero Vaz de Caminha e o Frei Henrique Soares, de Coimbra. A estátua já foi removida para outro canto da mesma praça, em consequência de mudanças no trânsito local, por, pelo menos, duas vezes. Na década de trinta, por aí, costumava passear à sua volta a ex-cortesã Suzanne Casterath, que morava nas proximidades. Ela, já bem idosa, ganhou o apelido de “viúva de Pedro Álvares Cabral”.

Muita gente acreditava piamente nisso e a cumprimentava.

RELÓGIO ELÉTRICO - LARGO DA GLÓRIA

Defronte ao monumento a Pedro Álvares Cabral, situa-se um antigo muro datado do século XVIII, que recebeu em 1905 uma balaustrada em granito removida da Praça Tiradentes pelo Prefeito Francisco Pereira Passos. Na mesma ocasião, ele implantou o primeiro relógio elétrico do Rio de Janeiro, situado no final da balaustrada, e fabricado pela Casa Krussmann, situada na rua do Ouvidor. Como ainda não existia rede urbana de eletricidade, a energia era provinda da rede de bondes da Companhia Ferro-Carril do Jardim Botânico. É em bronze, com quatro mostradores.

O relógio é tombado pela Municipalidade.

CHAFARIZ COLONIAL - RUA DA GLÓRIA

No princípio da rua da Glória existe um chafariz colonial, atualmente bastante depredado e não vertendo mais água, ostentando uma cartela em mármore de Lióz com dizeres em latim, cuja tradução é a seguinte: “A Luís de Almeida, Marquês de Lavradio, Vice-Rei do Brasil, refreados do estuante mar os arremessos com a construção de um ingente cais, aumentadas as rendas e

a dignidade do Conselho, reparados os edifícios públicos, feitos mais cômodos os caminhos, nivelados com o corte das elevações, renovada a cidade, ao seu conservador o Senado e o povo do Rio de Janeiro ergueram em 1772”. Este elegante chafariz, possuidor de ricos detalhes em gnaisse, no estilo barroco, é tombado pelo IPHAN e estava a merecer uma restauração em regra.

Seu plano é atribuído ao engenheiro militar José Custódio de Sá e Faria.

PRAÇA PARIS - CENTRO/GLÓRIA

Esta praça arborizada e florida com jardins em estilo renascimento francês foi elaborada de 1928 a 1930 pelo arquiteto e urbanista Donnat Alfred Agache, que veio ao Brasil convidado pelo Prefeito Antônio Prado Júnior para elaborar um plano de remodelação da cidade. A fonte central jorrava água por quatro repuxos, originalmente colorizados por luzes com as cores da bandeira nacional francesa. Pequenas estátuas decorativas francesas complementam o conjunto, que foi restaurado e gradeado em 1992.

MONUMENTO AO ALMIRANTE BARROSO – PRAÇA PARIS - GLÓRIA

Foi inaugurado a 19 de novembro de 1909. É de autoria do escultor Correia Lima. Sobre um pedestal de granito branco de Petrópolis, encontra-se a estátua de Barroso, em bronze, com 04m de altura, representando em atitude triunfal no passadiço de comando. Na coluna, em cada face lateral, vemos duas figuras aladas, representando a Pátria e a Vitória, ambas sobre duas proas em bronze. Na frente do pedestal, um baixo relevo em bronze retratando a Batalha Naval do Riachuelo. Quatro medalhões nos ângulos perpetuam as efígies de Oliveira Pimentel, Pedro Afonso, Andrade Maia e Lima Barros; encadeando esses medalhões, os nomes dos navios e dos comandantes que tomaram parte na batalha. Dois medalhões abaixo: são de Greenhalgh e Marcílio Dias.

No pedestal encontram-se os restos mortais do Almirante.

MONUMENTO A VARNHAGEN – PRAÇA PARIS

Francisco Adolfo de Varnhagen nasceu em São Paulo, a 17 de fevereiro de 1816. Seu pai, Frederico Luiz Guilherme de Varnhagen, oficial alemão, viera ao Brasil contratado para administrar a fábrica de ferro de Santana de Ipanema. Aqui Francisco fez seus primeiros estudos. Depois seguiu com a família para Portugal, onde se matriculou no Colégio Militar de Lisboa. Ocorrendo a luta pela restauração constitucional daquele país, alistou-se como voluntário nas fileiras do exército de D. Pedro IV (1833). Finda a luta, inscreveu-se no Curso de Engenharia que concluiu em 1840, ano em que voltou ao Brasil. Seu apreciável talento lhe proporcionou o ingresso na carreira diplomática; serviu nas legações brasileiras de Lisboa, Madri, Peru, Chile e Viena onde faleceu.

Homem de superior cultura; seu nome figura entre os dos mais belos espíritos da época. Na História Literária Portuguesa ocupa lugar de honra pelo mérito de seus eruditos trabalhos de investigação. De sua bibliografia ressaltam: “Notícias do Brasil”; “Notícias para a História e Geografia das Nações Ultramarinas”, trabalho este elogiado pela Academia Real das Ciências.

Colaborou no periódico “Panorama”, com artigos e estudos históricos.

Em Madri escreveu “Memorial Orgânico”, em que advogou a idéia de uma constituição administrativa do Brasil, que tivesse por base sua divisão em departamentos. Quando no Chile, apresentou à Academia daquele país “La Verdadera Guanahani de Colón”. Em Lima, publicou em francês, memórias sobre Américo Vespúcio. Na Áustria, escreveu o célebre “Cancioneiro do Vaticano”. As numerosas pesquisas que realizou e o acendrado amor à verdade histórica imprimiram-lhe aos trabalhos o cunho de autenticidade.

Em 1878, o Imperador do Brasil, em testemunho de apreço àquele historiador, geógrafo, escritor, matemático, militar e diplomata, agraciou-o com o título nobiliárquico de Barão e pouco depois com o de Visconde de Porto Seguro. Dias depois falecia na Áustria, a 29 de junho de 1878.

Pertenceu Varnhagen ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e à Real Academia de Ciências de Lisboa.

Aliás, foi o nosso Instituto Histórico que encomendou esse monumento em bronze e granito em 1941 ao artista nacional José Otávio Correia Lima.

MONUMENTO AO MARECHAL DEODORO DA FONSECA

Situado à Praça Deodoro, em frente ao terraço do Passeio Público. Foi mandado erigir pelo governo do Presidente Getúlio Vargas, sendo incumbido a sua fatura pelo escultor Modestino Kanto, e inaugurado a 15 de novembro de 1937.

Com uma altura de 23m e pesando 850 toneladas, o monumento começa com uma escadaria de granito de Petrópolis; à direita, vultos da época da Proclamação: o major Sólon, tenente-coronel João Teles, coronel Marciano de Magalhães, general Almeida Barreto, general Câmara e o general Floriano Peixoto; à esquerda, a mocidade da Escola Militar conduzida por Benjamin Constant. Na frente do embasamento, figura feminina representando a República; na parte de trás, várias figuras da Marinha: Wandenkolk, Alexandrino de Alencar, e outros, além dos republicanos históricos e a mãe de Deodoro. No alto, Deodoro, à cavalo, em atitude de comando de tropa.

MONUMENTO AO MAHATMA GANDHI – PRAÇA MAHATMA GANDHI – CINELÂNDIA – CENTRO

Mohandas Karamchad Gandhi nasceu na Índia, a 02 de outubro de 1869. Fez seus estudos lá e na Inglaterra, onde se formou em Direito e exerceu a advocacia. Regressou à Índia, foi membro do Tribunal Superior de Bombaim. Transferiu-se para a África do Sul, onde trabalhou como advogado e promotor. Na guerra sul-africana, cooperou com as forças britânicas num corpo de ambulância hindu; igualmente na revolta dos Zulus, em 1906, quando começou sua vida ascética diante das injustiças praticadas contra imigrantes hindus, na África do Sul. Abandonou a advocacia e entregou-se à luta pelas reivindicações sociais e políticas de seus compatriotas, em 1908.

Por diversas vezes foi preso por chefiar campanhas de desobediência civil. Ao irromper a 1ª. Grande Guerra, em 1914, estava na Inglaterra e recrutou estudantes hindus para o serviço das ambulâncias na frente ocidental. Em 1915, regressou à Índia e encetou campanha política pelo governo autônomo; organizou movimento político religioso em 1919 e resistência passiva à dominação inglesa, chamado Movimento Nacionalista Indiano. Em 1922, foi preso e condenado a 6 anos, mas ao fim de 2 anos, foi libertado; preso

novamente, foi solto para participar da Conferência da Mesa Redonda, em Londres. Fracassando aí, regressou à pátria, reencetando a mesma campanha.

Vários jejuns se sucederam em favor de sua gente e de sua pátria. Num deles que durou 11 dias, só se alimentou de caldo de limão diluído em água, o que o levou a extrema debilidade.

Foi presidente do Congresso. Em 1934, retirou-se da política para voltar em 1939. Após a emancipação da Índia em 15 de agosto de 1947, dedicou-se à união do povo de seu país. Jejuou várias vezes, na obtenção da paz entre os muçulmanos e hindus. Quando dirigia preces públicas em Nova Delhi, foi assassinado por um fanático a 31 de janeiro de 1948. Seu corpo foi cremado e as cinzas lançadas no rio Ganges, em 12 de fevereiro de 1948.

Sua ação intensa, profícua e dedicada, granjeou-lhe o título de Unificador e Pacificador do Povo Indiano.

Mahatma vem do sânscrito. Palavra hindu que significa: Grande Alma, Espírito Superior ou Sobrenatural. É anteposto ao nome daquele que se sobressai pelo saber, pela santidade ou virtude.

O Monumento ao Mahatma Gandhi é em bronze e de autoria do escultor hindu Sankho Chanduri, e foi inaugurado neste local em 1949.

OBELISCO - AVENIDA RIO BRANCO - CINELÂNDIA

Marcando o fim da avenida Central, e ficava na época à beira mar, foi projetado, “à feição das agulhas faraônicas”, no escritório técnico da Comissão Construtora da Avenida Central e executado pela firma Januzzi & Irmão. Aliás, todo o gnaisse facoidal nele utilizado foi extraído do morro da Viúva, no Flamengo, e doado à municipalidade pelo construtor Comendador Antônio Januzzi (1855-1949). Com 28m de altura e pesando 20 toneladas, sua fatura igualmente foi objeto de doação do comendador, que desejava assim expressar o agradecimento por ter sido o empreiteiro principal das obras da avenida.

Diz a placa comemorativa: “Sendo Presidente da República S. Excia. O Snr. Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves e Ministro da Indústria Viação e Obras Públicas o Exmo. Snr. Dr. Lauro Severiano Müller, foi decretada, construída e inaugurada a Avenida Central, executando os trabalhos a Comissão Construtora tendo como engenheiro chefe o Dr. André Gustavo Paulo de Frontin. 15 novembro de 1902 - 15 novembro 1906”.

O Obelisco é tombado pela municipalidade.

MONUMENTO AO MARECHAL FLORIANO PEIXOTO - CINELÂNDIA

Monumento existente na praça do mesmo nome, na Cinelândia, obra do escultor e pintor Eduardo de Sá, vencedora de concurso público. Floriano Vieira Peixoto nasceu em Alagoas, a 30 de abril de 1839, e faleceu em Divisa, hoje Floriano, no Estado do Rio de Janeiro, a 29 de junho de 1895. Presidente do Brasil de 1891 a 1894. As quatro esculturas da base de sua estátua, representam “Caramuru”, poema de Santa Rita Durão; “I Juca Pirama”, de Gonçalves Dias; “Evangelho das Selvas” de Fagundes Varela; “Cachoeira de Paulo Afonso”, de Castro Alves; quatro obras de nossa literatura. No topo, a figura do Marechal, envolta pela bandeira nacional, segura pela imagem feminina da República. Há também homenagens a Anchieta, José Bonifácio e outras figuras pátrias. Foi inaugurada a 21 de abril de 1910, e mede 17 metros de altura.

FLORIANO VIEIRA PEIXOTO - DADOS BIOGRÁFICOS

Militar e político, nasceu em Ipióca, Alagoas, a 30 de abril de 1839. Educado no Rio de Janeiro, fez brilhante curso na Escola Militar. Quando capitão, seguiu para a campanha do Paraguai (1864-70), onde revelou sua intrepidez como comandante do 9º. Batalhão de Infantaria, participando das batalhas de Uruguaiana (1865), Tuiuti (1866), Itororó (1868), Lomas Valentinas (1869) e Aquidabã (1870), epílogo da mais agigantada guerra em que já se empenhou o Brasil. De lá voltou tenente-coronel, condecorado com as ordens honoríficas do Império.

Em 1889, como ajudante general e militar de prestígio, desempenhou importante papel na Proclamação da República. Estimado por seus conterrâneos, foi feito senador pela Assembléia Constituinte, e trabalhou ativamente na organização da nova forma de governo. Eleito vice-presidente, em 1891, com a renúncia do Marechal Deodoro em novembro do mesmo ano, foi presidente de 1891 a 1894. Na presidência, levantou o estado de sítio e revogou a dissolução do Parlamento, decretos de seu antecessor. Lutou pela consolidação do novo regime e contra o militarismo, tal o seu respeito aos sagrados sentimentos liberais. Sua permanência no poder irritava os políticos civis, que almejavam chegar à presidência pelo voto popular. Em 1893, controversa a legalidade da permanência de Floriano na presidência sem consulta ao povo, através de eleições, foi lançado o “manifesto dos treze generais”, que terminou com a reforma de 11 deles e a transferência de dois para a segunda classe. Seguiram-se tumultos populares: em São Cristóvão e São Diogo foram cortadas as linhas telefônicas e telegráficas e destruídos os condutos de água.

Jugulados esses movimentos, estalou em fevereiro de 1893 no Rio Grande do Sul a Revolução Federalista, pela posse do governo estadual; sete meses depois, a 06 de setembro, em inteligência com os revoltosos do Sul, irrompeu no Rio de Janeiro a Revolta da Armada, chefiada pelo contra-almirante Custódio José de Melo. Durante cinco meses travaram-se duelos de artilharia na Baía de Guanabara. O movimento se alastrou pelos estados de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul. Mas a chegada da esquadra nova encomendada nos Estados Unidos e Europa e a decidida atitude com que agiu Floriano puseram fim a essa sedição, com a derrota em terra e mar dos opositoristas.

Ficaram famosas suas frases “A República não pode periclitar em minhas mãos” e, quando o cônsul norte-americano perguntou-lhe como receberia uma ajuda militar daquele país, altivamente respondeu “À Bala!”

Sua energia justificou-lhe o cognome de “Marechal de Ferro” e sua inflexibilidade ideológica, o de “Consolidador da República”.

Após entregar o poder ao seu sucessor eleito, Prudente de Moraes, retirou-se à vida privada, vindo a falecer em Divisa, hoje Floriano, no Município de Resende, a 29 de julho de 1895.

Foi enterrado no Cemitério de São João Batista, no Rio.

EDUARDO DE SÁ - DADOS BIOGRÁFICOS

Pintor e escultor. Nasceu no Rio de Janeiro em 1866. Frequentou a Academia Imperial de Belas Artes, do Rio de Janeiro, a partir de 1873, como aluno de João Zeferino da Costa, Vítor Meirelles e Pedro Américo de

Figueiredo e Mello, partindo em seguida para Paris, onde estudou na Academia Julien. Conquistou medalha de ouro na Exposição Internacional de Turim (1911). Possuem trabalhos de pintura de sua autoria o Museu Nacional de Belas Artes; Museu Histórico Nacional, no Castelo; Museu da República, no Catete; a Fundação Raimundo Ottoni de Castro Maia (Chácara do Céu, em Santa Teresa - Proclamação da República no Campo de Santana); e a pinacoteca do Palácio do Ingá, em Niterói (Retrato de Benjamim Constant); devem citar-se ainda, no mesmo gênero, a tela Tiradentes e o Retrato de José Bonifácio (ambos no Palácio Pedro Ernesto, na Cinelândia). Como escultor, executou o monumento à Floriano Peixoto, na Cinelândia (1910-11); e os bustos de Vítor Meirelles e Castro Alves, todos no Passeio Público do Rio de Janeiro. Merece especial citação o monumento à São Francisco de Assis, obra do autor e que se encontra na Praia do Russel, na Glória.

O artista faleceu no Rio de Janeiro em 1940.

MONUMENTO A JUSCELINO KUBITSCHKEK – CINELÂNDIA

Pequeno e tocante monumento, constituído por um busto em bronze do ex-presidente e base de concreto. Erguido originalmente por seus admiradores em 1961. Foi destruído por um grupo de oficiais militares ressentidos saídos do Clube Militar logo depois da vitória do golpe militar, em 1º de abril de 1964.

Reconstituído após a abertura política, em 1983 pelo obscuro “Partido da Mobilização Nacional” (PMN).

A escultura é obra do artista Zanucchi.

JUSCELINO KUBITSCHKEK DE OLIVEIRA – DADOS BIOGRÁFICOS

Um dos mais importantes presidentes brasileiros, J.K. foi médico e político de carreira. Nasceu em 1902, em Diamantina, de uma família tradicional, cujos antepassados migraram da antiga Tchecoslováquia (hoje República Tcheca) para Minas Gerais no início do século XIX.

Órfão de pai ainda criança, estudou as primeiras letras com sua mãe, Da. Júlia, professora pública em Diamantina. Em 1921, foi nomeado, após concurso, telegrafista. Em 1927, concluiu o curso de medicina, especializando-se em cirurgia, em Paris. Em 1931, foi nomeado capitão-médico da Polícia Militar de Minas Gerais. No ano seguinte, participou da Revolução de 1932, onde arriscou a vida em atos de heroísmo. Isso lhe valeu na interventoria de Benedito Valadares, em 1933, exercer as funções de secretário do governo. Elegeu-se deputado federal após a promulgação da Constituição de 1934, perdendo o mandato em 1937, após Vargas promulgar nova Constituição e a ditadura do Estado Novo, a 10 de novembro. Três anos depois, foi nomeado Prefeito de Belo Horizonte pelo então governador Benedito Valadares. Em 1946, elegeu-se deputado à Assembléia Nacional Constituinte. Em 1950, candidatou-se ao governo do Estado de Minas Gerais, derrotando Gabriel Passos. Em 1955, elegeu-se presidente da República, derrotando Juarez Távora, Ademar de Barros e Plínio Salgado. Seu governo caracterizou-se pelo impulso ao desenvolvimento econômico, a construção das represas de Furnas e Três Marias, a implantação da indústria automobilística, a construção de estradas de rodagem, Belo Horizonte-Brasília, Belém-Brasília, Brasília-Acre, a criação da SUDENE e, do que chamava de “meta-síntese”, a construção de Brasília e a mudança da capital para o planalto central de Goiás, o que se deu a 21 de abril de 1960. No governo Jânio Quadros, em 1961, elegeu-se senador

por esse Estado, não exercendo o mandato. Em 1964, com relutância, comandou pessoalmente a votação do PSD no Senado, elegendo para a Presidência da República o marechal Castelo Branco, chefe do golpe militar ocorrido a 1º. de abril do mesmo ano. Logo depois, teve por decreto desse presidente o seu mandato cassado e os seus direitos políticos suspensos pelo prazo de dez anos. Residiu em Paris dois anos, fazendo conferências em países da Europa e Estados Unidos. Em 1968, tentou junto com seus antigos adversários Carlos Lacerda e João Goulart criar um partido de oposição ao regime militar, a Frente Ampla, iniciativa que lhe valeu a prisão quando retornou ao Brasil naquele ano.

Recolhido à vida privada, dedicou-se aos negócios bancários como Presidente do Conselho de Administração do Banco Denasa de Investimento S/A. Escreveu muitos livros versando principalmente sobre sua carreira, e tentou candidatura à Academia Brasileira de Letras, iniciativa vetada pelo governo militar. Quando preparava seu retorno à vida política, morreu em consequência de um acidente automobilístico na Avenida Presidente Dutra, na altura de Resende, em 1976.

Seu enterro contou com grande presença de populares, apesar do constrangimento do regime militar. Ainda hoje alguns admiradores consideram sua morte como suspeita.

MONUMENTO A CARLOS GOMES – PRAÇA FLORIANO – CINELÂNDIA

Em 1939, foi doada à municipalidade do Rio de Janeiro uma estátua do compositor polonês romântico Frederic Chopin, oferta da comunidade polonesa do Rio de Janeiro. Na falta de lugar melhor, foi colocada defronte ao Teatro Municipal, onde permaneceu por 21 anos. Em 1959, por sugestão do barítono Paulo Fortes, foi proposto que em seu lugar se colocasse uma estátua do maestro e compositor brasileiro Carlos Gomes, falecido em 1896. O monumento marcaria o início da temporada lírica nacional de 1960.

Fortes pessoalmente mandou recolher a imagem de Chopin à noite, frustrando assim os defensores que alegavam ser possível a convivência dos dois gênios da música numa mesma praça. Na mesma ocasião, o mestre polonês foi levado ao poético recanto da Praia Vermelha, local onde hoje ainda permanece.

A 16 de janeiro de 1960 era inaugurada a nova estátua de Carlos Gomes, no pedestal da anterior e igualmente bem em frente ao Teatro Municipal. A obra foi custeada pela Secretaria de Viação e Obras da Prefeitura do Distrito Federal, sendo assentada pela engenheira Elsa Osborne. A estátua é cópia de uma realizada há mais de oitenta anos por Rodolfo Bernardelli e colocada em Campinas, cidade onde Carlos Gomes nasceu em 1836.

Rodolfo Bernardelli retratou Carlos Gomes no momento em que terminava uma regência e pedia silêncio à orquestra para os aplausos da platéia. Ironicamente, o local onde se encontra é dos mais barulhentos da área central da cidade.

Vale lembrar que dentro do Teatro Municipal, existe um busto em bronze de Carlos Gomes esculpido por Bernardelli, colocado no hall de acesso às cadeiras no 1º. andar. Existe ainda outro busto em Paquetá, bem como um teatro homenageando o maestro, esse na Praça Tiradentes.

CARLOS GOMES – DADOS BIOGRÁFICOS

Antônio Carlos Gomes nasceu em Campinas, SP; a 11 de julho de 1836, filho do músico Manoel José Carlos Gomes. Ainda nos albores da vida já se manifestava nessa criança a vocação musical.

O pai a todos os filhos transmitiu seus conhecimentos instrumentais. Carlos Gomes se revelou cantor e entregava-se à composição das modinhas que o tornaram popular; ao mesmo tempo estudava piano e violino. De talento artístico, aos 18 anos compôs sua primeira “Missa” e dois anos depois já era compositor de músicas sacras e maestro substituto da banda local. Solicitado pelos estudantes de Direito a compor o “Hino Acadêmico”, deles tornou-se ídolo pelo valor demonstrado. Aconselharam-no a vir para o Rio de Janeiro a fim de melhor desenvolver seus dotes musicais.

Aqui, em 1859, inscreveu-se na Escola Nacional de Música onde foi seu professor de Harmonia o maestro Gianini.

Ao concluir o curso, compôs uma cantata, premiada pela Congregação do Conservatório e executada em concerto oficial, no encerramento das aulas. Obteve o libreto da “Noite do Castelo” e “Joana de Flandres”, encenadas no Teatro Lírico Fluminense; depois do que o governo promoveu-lhe uma viagem de estudos à Europa em 1864. Em breve afirmou-se contrapontista e enviou ao Imperador D. Pedro II, seu protetor, uma belíssima “Fuga”.

Lendo na Itália a obra de José de Alencar, “O Guarani”, sentiu a pátria revivida em sua alma e, sob a inspiração da saudade, compôs a ópera “O Guarani”, cantada no Teatro Scala de Milão, em 19 de março de 1870. Giuseppe Verdi, depois de aplaudi-lo publicamente, disse: “Este moço começa por onde eu acabei”.

Dois anos depois nova ópera subia no Scala “Fosca” com importante profonia e belíssimos trechos de canto. Compôs ainda “Salvador Rosa” de invulgar triunfo, na península itálica e cuja profonia guerreira fez vibrar o entusiasmo das platéias; recebeu nessa ocasião uma batuta de ouro que os fluminenses lhe ofereceram e uma coroa de ouro dos campineiros. Na Bahia, em 1880, teve uma recepção apoteótica, compondo, então, e executando, o “Hino a Camões”. De retorno à Itália, compôs ainda as óperas “Condor”, “Schiavo”, “Colombo” e “Maria Tudor”.

O governo do Pará convidou-o em 1895 para diretor do Conservatório de Música do Estado, pôsto em que faleceu, em Belém, a 16 de setembro de 1896. Deixou quase pronta a ópera “Moema” e fragmentos do “Cântico dos Cânticos”.

Carlos Gomes, dotado de intensa inspiração musical, conhecia os segredos do equilíbrio orquestral, modulando com facilidade. Nas suas partituras impera a riqueza melódica, exuberante, espontânea e vibrante. Deixou numerosos hinos, canções e peças de dança. Podemos situa-lo no mais alto posto entre os compositores dramáticos do mundo.

Milton de Mendonça Teixeira.